

## **OSAMA BIN LADEN: QUEM VENCEU? QUEM MATOU? QUEM MORREU?**

**José Amaral Argolo\***

### **Primeiro uma Viagem no Tempo**

Salahad ad-din Yusuf ibn Ayyub, melhor dizendo *Saladino* [1], morreu aos 55anos em Damasco, no dia 4 de março de 1193, provavelmente de febre, depois de reconquistar a cidade de Jerusalém, que havia sido ocupada e saqueada pelos cruzados sob as ordens de Godofredo de Bouillon [2] em 1119 da chamada *Era Cristã*. Estrategista sábio e generoso, enfrentou exércitos bem armados e experientes, entre os quais as forças comandadas por Ricardo Plantagenet [3] (*Ricardo Coração de Leão*, terceiro filho de Eleanor daAquitânea), acatado, este, como um dos mais bravos guerreiros da sua época, embora responsável pela decapitação e/ou degola de 2700 mulheres, velhos e crianças após a tomada da cidadela de Acre, no dia 12 de julho de 1191.

Enquanto a vida de Ricardo, morto aos 42 anos, dias depois de atingido por um disparo de balestra [besta] originou um rosário de aventuras, de algumas verdades e mentiras (destacam-se, entre outras: as aventuras de Robert Locksley [*Robin Hood* e seus arqueiros da Floresta de Sherwood] e docavaleiro *Ivanhoe*, para não mencionar as damas que cativou numa escala somente comparável à dos garanhões do cinema), *Saladino* – seu arquirrival – era modesto, devoto de *Allah*, Deus do Islã, e das normas transmitidas pelo *Altíssimo* ao Profeta Maomé, constantes no Alcorão.

E o Alcorão é um livro sério, que incentiva a prática da caridade e o respeito ao Deus único, Clemente e Misericordioso.

O chamado da História, no entanto, recomenda uma volta ao tempo presente.

Aquele que chegou a ser classificado como o *Inimigo Número 1* dos Estados Unidos da América foi morto a tiros durante uma ação tática que surpreendeu o mundo.

Informada por intermédio de um espião da *Agência Central de Inteligência* há meses trabalhando incógnito entre os milhares de moradores de Abbottabad, cidade próxima à Islamabad, no Paquistão, uma equipe de comandos da Marinha norte-americanos ultrapassou as frágeis linhas de defesa do complexo de casas onde Osama Bin Laden morava desde 2005. Ele foi eliminado num momento em que a influência que exercia sobre a organização que construiu: *A Base (Al Qaeda)*, estava desgastada.

Apesar da importância que lhe fora atribuída pelo ex-presidente norte-americano George W. Bush, e em seguida pelo próprio Barack Obama, o líder da *Al Qaeda* não mais dispunha do peso datado de 2001 quando, de algum esconderijo no longínquo Afeganistão, autorizou e estartou o múltiplo e assimétrico ataque às *Torres Gêmeas* [4], ao Pentágono e ao Capitólio – este, o único alvo não atingido graças à coragem dos tripulantes e passageiros da aeronave sequestrada –; operação que deixou impotente horas a fio o gigantesco aparato de defesa dos EUA e ofereceu ao mundo imagens nunca vistas: nada menos do que a destruição de um dos maiores símbolos do poder econômico daquele país, causando prejuízos incalculáveis às empresas ali instaladas e matando 2.973 pessoas, dentre as quais os 19 sequestradores, 341 integrantes do Corpo de Bombeiros bem como dois paramédicos daquela organização mobilizados para socorrer as vítimas ainda presas no interior dos dois edifícios em chamas e esmagados quando as milhares de toneladas de concreto e aço desabaram. Também morreram 23 policiais [5].

Sabe-se, por fonte altamente confiável que, menos de uma hora e meia após o ataque ao Pentágono, o espaço aéreo de Washington ficou sob a proteção de plataformas lançadoras de mísseis *Chaparral* [6] somadas a um número não revelado de caças de primeira linha. Esse aparato jamais fora cogitado pela potência hegemônica, mesmo (ainda que dispondo de outros recursos tecnológicos) durante o

episódio dos *Mísseis de Outubro*, quando a hipótese de um conflito nuclear com a antiga União Soviética esteve próxima de se materializar [7].

O sistema de defesa norte-americano foi ludibriado por um golpe de mestre, um *hook* aplicado no fígado e em pleno *round* inicial, no instante em que o lutador mais forte tentava respirar. Tudo isso facilitado pela morosidade na interceptação, quando os operadores das torres de controle aéreo detectaram falhas na comunicação com as quatro aeronaves civis. Se os procedimentos de segurança tivessem sido ativados com a presteza cabível, provavelmente o número de mortos teria sido bem menor, digamos um terço dos cidadãos sacrificados tanto nas *Torres Gêmeas* como no Pentágono.

\*\*\*

#### **Uma digressão.**

O autor esteve em Washington em 2007, durante visita dos estagiários do *Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia* da Escola Superior de Guerra a algumas organizações importantes daquele país; tais como: Colégio Interamericano de Defesa, Fort Myer (sede do *Joint Command* [Comando Conjunto] na área da Capital etc.). Na ocasião, em frente a uma das alas do complexo de prédios que formam o Pentágono [8] estava sendo construído um monumento em homenagem às pessoas que ali morreram quando uma das aeronaves atingiu parcialmente o terraço de um dos edifícios próximos e se estatelou na sede do comando militar norte-americano. Aquele local, à semelhança de outros na Capital norte-americana (como os edificadas em homenagem aos soldados mortos durante a primeira e a segunda guerra mundiais, bem como na Coreia e no Vietnã), foi transformado em área de recordação perene.

O jardim comporta 184 bancos voltados para o conjunto de prédios, representando as sombras dos que morreram carbonizados e/ou estraçalhados. Os trabalhos foram concluídos e inaugurados no dia 11 de setembro de 2008.

\*\*\*

Outro episódio no mínimo estranho aconteceu em seguida ao atentado, deixando o prefeito de Nova Iorque numa *sinuca*: para onde remover milhares de toneladas de entulho retiradas pelos operários do chamado *Ground Zero*? Para um aterro sanitário na área de *Staten Island*. Comenta-se (e essas informações foram difundidas pelas mídias) que boa parte teria sido transportada para um terreno pertencente a de uma das poderosas famílias da Máfia. Daí, centenas de trabalhadores foram mobilizados para peneirar os destroços e, caso possível, recuperar restos de cordões, medalhas, pulseiras, fragmentos de ouro, platina, pedras preciosas e outros objetos de valor.

Naqueles primeiros instantes após a tragédia em Nova Iorque, as preocupações do governo estavam direcionadas à recuperação dos corpos e/ou partes desmembradas das vítimas e, simultaneamente, mensurar a extensão dos prejuízos aos prédios próximos, severamente atingidos por uma tempestade de vidros, fragmentos dos blocos de concreto, aço e estilhaços de metal das duas aeronaves após o impacto e as explosões.

Além das torres Norte e Sul, foram atingidos os edifícios números 3, 4, 5, 6 e 7, que integravam aquele complexo de escritórios, o prédio do *Deutsche Bank*, a igreja ortodoxa grega de *St. Nicholas*, e o *Hotel Marriott World Trade Center*.

Infelizmente, mesmo com toda a comoção social e o empenho das autoridades norte-americanas, pequenos furtos foram consumados e alguns episódios menores, ainda que desagradáveis, levados ao conhecimento da Opinião Pública.

O atentado perpetrado em Nova Iorque implicou, conforme assinalado, no assassinato de quase três mil pessoas e na volatilização de milhões de dólares em moeda forte, metais preciosos, tapetes caríssimos, quadros, esculturas em mármore, bronze, cerâmica, mobiliário de luxo e tantas outras coisas, inclusive documentos, registros notariais sobre o passado de famílias residentes na comunidade etc.

Mas o dano maior, acredita o autor destas linhas, foi atingir com precisão

o imaginário do povo norte-americano. A referência, neste caso, são os cidadãos comuns: trabalhadores, estudantes, mães e pais de família, e não os *Falcões do Pentágono*, sempre ávidos por mais um conflito; àqueles industriais desejosos de reaquecer a produção de bombas inteligentes e altos explosivos; aos idealizadores e mantenedores dos grupamentos mercenários terceirizados cuja existência e atuação vem sendo exposta em minúcias, a exemplo da *BlackWater*.

Esse dano maior associado no calor das horas à *desinformação*, multiplicou o ódio derivado da humilhação proporcionada pelo múltiplo ataque ao santuário continental, o mais devastador da História recente. Houve outro episódio que ensombreceu os EUA, mas foi perpetrado durante a Segunda Guerra Mundial; qual seja: o bombardeio japonês às instalações da esquadra norte-americana do Pacífico em Pearl Harbour, Havái, plano este idealizado pelo almirante Isoroku Yamamoto e materializado graças à pericia, liderança e audácia do capitão Minoru Genda, um dos ases da aviação naval de caça (que, aliás, sobreviveu à guerra).

Os Estados Unidos da América, sob a administração do presidente Franklin Delano Roosevelt, mobilizaram todos os seus esforços para derrotar o Japão. Ainda que a memória do *Dia da Infâmia* permaneça, e que os bilhões de dólares investidos naquele país durante o pós-guerra tenham produzido resultados vantajosos para os financistas e industriais norteamericanos, o ataque a Pearl Harbour e o simbolismo representado pelo semissubmerso cruzador *Arizona*, na Bahia de Honolulu, constituem sinais de alerta sobre um fato que não poderá ser esquecido jamais.

A bem da verdade, no que tange a esse episódio, o serviço de inteligência naval dos Estados Unidos da América falhou ao não acreditar nas informações transmitidas por fontes confiáveis sobre a iminência do provável ataque japonês e pagou elevado preço em homens e equipamentos.

De volta ao tempo presente.

Já em relação aos atentados de 11 de Setembro e aos fatos subsequentes, é necessário pensar em todo um rosário de vítimas que se estende para além dos que tombaram nos campos de batalha tanto no Iraque como no Afeganistão; dos que

ficaram cegos, loucos, mutilados, tetraplégicos; das vítimas civis em proporção gigantesca.

Segundo os líderes dos guerrilheiros *mujahedin*, os *inimigos do Islã* pagarão cada vez mais caro pelo assassinato do *Sheikh*.

Sabe-se que todos os recursos tecnológicos, financeiros e humanos foram utilizados para caçar Osama Bin Laden e, na medida do possível, aniquilar a *Al Qaeda*. E mais: que essa luta começara três anos antes do 11 de setembro, em 1998, após o bem-sucedido ataque efetuado por um comando suicida ao destróier *Cole* [9] no Golfo de Aden, quando os norte-americanos tiveram certeza de que o bilionário saudita e ex-combatente protegido da *Agência Central de Inteligência* (CIA) durante os dez anos das operações guerrilheiras contra os exércitos da antiga URSS no Afeganistão, voltara suas garras afiadas contra eles próprios.

A partir do múltiplo atentado de 2001, somado a dois outros episódios do gênero registrados em Madri (2004) [10] e Londres (2005) [11], tanto o Iraque como o Afeganistão tornaram-se alvos prioritários na luta contra o terrorismo. Foi quando começaram os erros em escala. A defenestração de Saddam Hussein tão somente internacionalizou a luta, porquanto aquele país foi transformado num vasto campo de treinamento para milhares de guerrilheiros originários do mundo islâmico.

No Afeganistão o que aconteceu foi ainda pior. Aquelas terras inóspitas, montanhosas e dominadas pelas milícias talibãs transformaram-se num pesadelo sem fim para os integrantes das forças da coalizão lideradas pelos Estados Unidos.

Fora Cabul e alguns arredores da Capital afegã, praticamente todo o território continua sob o poder das milícias comandadas com mãos de ferro pelo *mullah* (líder político e religioso) Omar, acrescidas por outros grupamentos de guerrilheiros simpatizantes *da Al Qaeda*. As perdas em homens e equipamentos não compensam o prejuízo aos cofres públicos dos EUA. Tanto assim que, em Washington, passaram a ser criticados abertamente os gastos militares para muito além do previsto, seja durante a administração de George W. Bush ou em relação ao primeiro mandato do presidente Barack Hussein Obama, agora faltando poucos meses para as eleições.

Obama conquistou grande trunfo, provocou um *frisson* que poderá vir a influir no pleito supramencionado quando, graças ao zelo e competência do diretor da *Agência Central de Inteligência* (CIA), Leon Panetta [12], retroalimentado, este, por um dos mais brilhantes e anônimos operadores de campo daquele órgão, autorizou a *wet operation* (leia-se *operação molhada*; isto é: sangrenta) dos *Navy Seals* (o ultrassecreto *Team 6*) que resultou na morte de Bin Laden e de mais três dos seus auxiliares, inclusive da médica que há vários anos cuidava da sua saúde fragilizada.

Durante nove anos e sete meses o *Inimigo Público Número 1* (centenas de vezes mais mortífero que John Dillinger) vinha sendo procurado, caçado como uma serpente; vários dentre os centros de treinamento da *Al Qaeda*, incluindo *bunkers*, foram detectados por intermédio de satélites e aeronaves de sensoriamento remoto e imediatamente atingidos e/ou destruídos por Veículos Aéreos não Tripulados e armados com bombas inteligentes de alta penetração.

Mas nem com toda essa tecnologia disponibilizada, mesmo com todo esse aparato humano, foi possível localizar Bin Laden no prazo inicialmente cogitado; ou seja: antes de o comando das forças da coalizão perceber que, apesar da mais que provável eliminação física do *Sheikh*, o tempo de regressar para casa tinha se esgotado. Que a guerra de há muito estava perdida e, finalmente, que os bilhões de dólares gastos para resolver aquele desafio provocariam (como de fato aconteceu) uma cratera no coração do antigo *Fort Knox* (base para as reservas de ouro dos Estados Unidos).

Osama Bin Laden, surpreendido desarmado e liquidado a tiros segundos após, trazia costurado nas roupas oitocentos euros. Toda a tecnologia de que dispunha em Abbottabad era um precário sistema de gravação em vídeo. Ele passou anos sem fazer uso da telefonia celular e, quando muito, por medida de segurança, empregou uma norma simples e eficaz no submundo da Inteligência: jamais se permitiu deixar o esconderijo onde ingressou em 2005, após a intensa campanha militar nas cavernas de Tora Bora, limítrofes à região tribal e semiautônoma do Paquistão.

Sua provável identificação foi efetuada por intermédio de satélites de observação que, orientados pelos técnicos da *Agência Nacional de Inteligência* (NSA), foram posicionados de modo a enviar imagens sequenciais em horários alternados. Estas, retransmitidas aos analistas nos EUA, indicaram algumas possibilidades, creditando-as ao *Sheikh* um homem solitário medindo entre 1,96m a 2,4m de altura que costumava caminhar na ampla área interna da casa – sempre sob a proteção dos muros. Ou seja: até então somente um tiro no escuro.

Houve outro aspecto que facilitou a ação do espião da CIA em Abbottabad. E que, aliás, nada teve a ver com seu disfarce, conhecimento dos dialetos sussurrados na região ou qualquer outra habilidade; qual seja: a tortura. Foi essa ação reiterada contra os suspeitos de colaboração com a *Al Qaeda* capturados e distantes milhares de quilômetros, no interior da Base de Guantánamo, em Cuba, que o levou até lá.

Entre os que foram submetidos a reiteradas sessões de afogamento num barril cheio de água destaca-se Khalid Sheikh, capturado no Paquistão e considerado o autor intelectual do ataque às Torres Gêmeas. Este, porém, nada revelou.

Uma aberração condenada em todos os países do mundo livre iluminou uma ação tática brilhante, ainda que para este fim tenham sido violadas todas as normas do Direito Internacional uma vez que governo de país algum permitiria a entrada no seu território, por menor que seja, de uma força militar sem a participação efetiva de oficiais dos serviços de inteligência nacionais naquela operação.

Ainda que o presidente Barack Obama tenha ressaltado no seu pronunciamento ao vivo (ver adiante a transcrição na íntegra) a colaboração do presidente paquistanês, a desconfiança deixou marcas profundas entre os setores da Inteligência, a Opinião Pública e o governo do Paquistão. Pior: uma semana depois um atentado a bomba em Abbottabad deixou oitenta e dois mortos entre os cadetes de uma academia paramilitar. Foram os primeiros desta que, infelizmente, deverá constituir uma longa série.

\*\*\*



Aliás, situação parecida aconteceu quando forças especiais da Colômbia transportadas em helicópteros de combate invadiram o espaço aéreo do Equador e destruíram um acantonamento das *Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia* (FARC), matando inúmeros guerrilheiros, entre os quais Raul Reyes o segundo em importância naquela organização liderada por Manuel Marulanda (o *Tirofijo*), ele próprio morto depois em consequência de um câncer na próstata.

Essa operação planejada um ano antes (segundo fontes do governo colombiano divulgadas uma semana depois na imprensa), custou US\$1 milhão pagos a militares israelenses da reserva e especialistas em ações do gênero e contou com o apoio dos Estados Unidos por intermédio dos satélites de monitoramento da *Agência Nacional de Segurança* (NSA). O presidente do Equador, Rafael Correa, protestou veementemente e mobilizou tropas aerotransportadas para a região da fronteira. Foram necessárias intensas conversas diplomáticas, inclusive com a intermediação discreta de governantes de outros países do subcontinente, para que fosse evitado um confronto armado.

\*\*\*

Alguém, dentre os integrantes do generalato paquistanês, disse que não sabia o que talvez soubesse quinze minutos antes da invasão do espaço aéreo do seu país pelos *Navy Seals* (72 homens e um cão de guerra equipado, este, com capacete dotado de câmera de alta definição e colete à prova de balas) nos quatro helicópteros que, visualizados pelos satélites e apoiados em terra por uma equipe da CIA alojada no interior de uma modesta residência distante poucas dezenas de metros do complexo onde se escondia Osama Bin Laden, parte da sua família e o mensageiro, cujo automóvel teve a placa anotada e rastreada pelos espiões em terra.

Alguém, esse mesmo alguém, responderá pela traição ao *Sheikh* islâmico, ainda que tenha sido um dos mais temíveis terroristas do século XX e deste início de XXI. Esse alguém, repito, e muito provavelmente seus companheiros ou (quem sabe?) parentes próximos, e praticamente todos os civis e militares norte-americanos em solo paquistanês, no Afeganistão, em Bangladesh e na Índia, caso seja adotada como

referência adicional os países vizinhos ao desenlace, correm o risco de sequestro e execução, para não citar os milhares de turistas dos países que integram a *Coalizão* em visita aos Estados Nacionais predominantemente islâmicos.

Difícil prognosticar o que virá, porquanto a *jihad* foi internacionalizada, multiplicada e impossível de ser contida. Na Líbia e no Egito, na Argélia, no Sudão de maioria islâmica e agora dividido, na Síria e Irã, no Cazaquistão, no Turcomenistão, no próprio Afeganistão, no Iêmen, nos Emirados Árabes, na Turquia e na própria Arábia Saudita, terra natal de Osama Bin Laden, os grupos armados estão agindo.

Entre a forte presença islâmica na França, Alemanha, Turquia, Itália, Espanha, Reino Unido e até mesmo nas Américas, há quem apóie ações destrutivas contra os interesses econômicos norte-americanos. Não há como vigiar 1,4 bilhão de seres humanos; não há como rastrear dinheiro em pequenas quantidades mas suficiente para adquirir uma pistola aqui, uma submetralhadora lá, um revólver adiante, mísseis de ombro do tipo AT-4 repassados pelos *mercadores da morte* em tantos lugares.

O *Sheikh* matou e morreu por causa disso. O monstro abastecido e incentivado pela *Agência Central de Inteligência* contra a presença soviética no Afeganistão voltou-se contra os criadores e provocou um desastre gigantesco. Escavaram-se mentiras, verdades e suposições a seu respeito. Os festejos durante a madrugada e dia seguinte após o pronunciamento do presidente Barack Obama, a partir de um dos corredores da Casa Branca, serviram como uma espécie de *Sonrisal* para a azia prolongada e coletiva desde 11 de setembro de 2001.

Todavia o bacilo do terrorismo não foi extirpado. E toda a tecnologia disponibilizada pela NSA, dez, vinte vezes maior nos quesitos instrumental e efetivo humano do que a CIA; todos os sistemas eletrônicos e digitais das aeronaves e satélites geoestacionários ou não, utilizados nas ações de rastreamento continuam frágeis diante das palavras sussurradas entre paredes, no interior de um simples café ou de um cinema em qualquer lugar do Planeta.

Osama Bin Laden caiu por não cobrar/exigir, como deveria, o cumprimento

da primeira cláusula pétrea do terrorismo; qual seja: discricção. Ao permitir que o mensageiro, por mais leal que fosse (tanto assim que foi o único a trocar tiros e o primeiro a morrer em Abbottabad), entrasse livremente de carro na casa fortificada; ao não insistir, como deveria ter reiterado, sobre o intervalo de noventa minutos de silêncio no que diz respeito à telefonia móvel (a partir da residência do *Sheikh*), fato que estartou automaticamente o sistema de monitoração sobre Abu Ahmed al Kuwaiti. A menos que as explicações dadas pelo presidente norte-americano, por Leon Panetta enquanto diretor da CIA e os demais porta-vozes do governo, tenham sido produtos da *desinformação* [13].

À semelhança de Ernesto *Che* Guevara, capturado vivo em 7 de outubro de 1967, o *Sheikh* foi liquidado a tiros, seu rosto filmado e fotografado, retiradas amostras de sangue, o cadáver envolto em uma coberta e transportado de helicóptero até o porta-aviões ancorado no mar da Arábia. Em seguida, conforme declarações das autoridades norte-americanas, seu corpo teria sido lavado, envolto num tecido branco conforme os preceitos islâmicos, e lançado ao mar em local até o momento desconhecido.

O problema, penso, está em concordar com tudo isso. Em aceitar tacitamente que as primeiras quinze fotografias feitas por integrantes do *Team 6* dos *Navy Seals* que liquidaram Osama Bin Laden correspondam às expectativas da Opinião Pública.

A expressão assustada da secretária de Estado norte-americana Hillary Clinton na *Sala de Situação* da Casa Branca, com uma das mãos sobre a boca nos momentos que culminaram com a execução do líder da *Al Qaeda*, pode significar algo mais; que houve exagero na conduta dos militares, bem mais preocupados em “finalizar” o inimigo do que levá-lo perante a justiça.

Recordando novamente Ernesto *Che* Guevara, as circunstâncias da sua morte propiciaram a criação de um mártir para a esquerda em todo o mundo. Deceparam-lhe as mãos depois de morto e enterraram seu corpo às margens de uma pista de pouso em *La Higuera*, onde permaneceria durante trinta anos até que um general reformado do exército boliviano resolvesse contar ao mundo onde estavam os restos do

comandante guerrilheiro. Até que isso acontecesse, as mãos cortadas do *Che* já tinham sido trasladadas para Havana, seu diário de campanha entregue a Fidel Castro e a chamada “maldição de Guevara” recaiu sobre seus algozes.

O Diário do *Che*, prefaciado pelo próprio Fidel Castro, foi publicado em vários idiomas e se transformou num *best-seller*.

Penso no que poderá vir a ocorrer caso algum dos seguidores de Osama Bin Laden esteja de posse das suas anotações, dos primeiros diários de campanha desde o longo período de operações contra os russos e, em seguida, após setembro de 2001. Imagino o que acontecerá se os novos dirigentes da *Al Qaeda*, muito especialmente do egípcio Ayman al Zawahiri, autorizarem a publicação.

Duvido que qualquer pesquisador e/ou historiador deixe de consultá-los. Após ler o dossiê elaborado pelo FBI sobre Bin Laden, relativo ao período compreendido entre 1998-2008 e atualmente disponibilizado *on-line*, tenho certeza de que, como tantos outros, estarei na fila da livraria mais próxima para comprar esse volume repleto de informações sobre o *Sheikh* e as entranhas da *Rede Al Qaeda*.

### **Nota Explicativa e Obrigatória**

Os três textos adiante transcritos são por sua natureza emblemáticos e refletem momentos singulares, embora próximos, da História Contemporânea.

O primeiro deles, não pairam dúvidas, foi elaborado pelo próprio Osama Bin Laden e imediatamente difundido após os atentados de 11 de setembro de 2001.

O segundo, a íntegra do pronunciamento do presidente norte-americano Barack Hussein Obama, na madrugada de 5 de maio (2011), após a confirmação da morte do *Inimigo Público Número 1* dos Estados Unidos.

O terceiro deles foi redigido por Fidel Castro, ex-dirigente cubano hoje recolhido mas sempre atento e bem informado sobre as questões internacionais. Como se sabe, os órgãos de inteligência cubanos continuam sendo alimentados pelas agências congêneres do leste Europeu e asiáticas.

O texto sobre o qual o autor se refere foi publicado na edição digital do *Granma Internacional*, jornal do Partido Comunista cubano, datada de 7 de maio (2011), dois dias após o pronunciamento do presidente dos EUA.

Não se preocupem leitores (as) com a arquitetura da apresentação. O objetivo é oferecer uma percepção equilibrada, seja sobre a ação que estartou o contra-ataque dos EUA, ou no que tange às consequências dessa guerra que já se estende por dez anos.

Senão vejamos:

1. Conforme publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 8 de outubro de 2001:

Aqui está a América, atacada por Deus em um dos seus órgãos vitais, de forma que seus melhores prédios são destruídos. Graça e gratidão a Deus. A América se encheu de medo, do norte ao sul, do leste ao oeste, graças a Deus. O que a América enfrenta hoje é uma porção muito pequena da que enfrentamos há décadas. Nossa nação islâmica tem sentido a mesma coisa há mais de oitenta anos, a humilhação e a desgraça, seus filhos são mortos e seu sangue é derramado, suas santidades dessacralizadas. Deus abençoou um grupo de muçulmanos de vanguarda, a dianteira do Islã, para destruírem a América. Que Deus os abençoe e lhes dê um lugar supremo no paraíso, porque Ele é o único que pode fazê-lo. Quando essas pessoas defenderam suas crianças fracas, seus irmãos e irmãs na Palestina e em outras nações islâmicas, o mundo inteiro gritou, os infiéis seguidos pelos hipócritas. Um milhão de crianças inocentes estão morrendo no momento em que falamos, estão sendo mortas no Iraque sem nenhuma culpa. Não ouvimos nenhuma crítica, nenhum édito dos governantes hereditários. Todos os dias vemos os tanques israelenses na Palestina, indo a Jenin, Ramallah, Beit, Jalla e muitas outras partes da terra do Islã, e não ouvimos ninguém levantando a voz ou reagindo.

Mas quando a espada caiu sobre a América depois de oitenta anos, a hipocrisia levantou sua cabeça lamentando pelos assassinos quebrincaram com o sangue, a honra e as santidades do Islã. O mínimo que pode ser dito a respeito desses hipócritas

é que eles são apóstatas que seguiram o caminho errado. Eles apoiaram o carrasco contra a vítima, o opressor contra a criança inocente. Busco refúgio em Deus contra eles e peço a Ele que nos deixe vê-los da forma que merecem. Eu digo que a questão é muito clara. Todo muçulmano, depois desse evento, deve lutar por sua religião, depois que os altos funcionários dos Estados Unidos da América, a começar pelo chefe dos infiéis, o presidente dos EUA George W. Bush e sua equipe, que se envolveram em uma demonstração de vaidade com seus homens e seu equipamento; que colocaram até mesmo os países que acreditam no Islã contra nós, o grupo que recorreu a Deus, o Todo Poderoso, o grupo que se recusa a ser derrotado em sua religião. Eles, os EUA, têm dito falsidades ao mundo; que estão lutando contra o terrorismo. Em uma nação no fim do mundo, o Japão, centenas de milhares de pessoas, jovens e velhos, foram mortas e eles dizem que isso não é um crime mundial. Para eles isso não é claro. Um milhão de crianças foram mortas no Iraque, e para eles isso não é claro. Mas quando um pouco mais de dez pessoas foram mortas em Nairóbie Dar Es Salaam, o Afeganistão e o Sudão foram bombardeados e a hipocrisia tomou conta do chefe dos infiéis internacionais, o símbolo mundial moderno do paganismo, a América e seus aliados. Digo a eles que esses eventos dividiram o mundo em dois campos: o campo dos fiéis e o campo dos infiéis. Que Deus nos proteja deles. Todo muçulmano deve se levantar para defender sua religião. O vento da fé está soprando e o vento da mudança está soprando para remover o mal da península de Muhammad, que a paz esteja com ele. Quanto a América, digo a ela e seu povo algumas palavras: Juro por Deus, o Grande, que a América nunca mais sonhará e viverá em paz até que (essa mesma) a paz reine na Palestina e o exército de infiéis deixe a terra de Muhammad, a paz esteja com Ele.

2. Pronunciamento do Presidente Barack Obama, transmitido em rede nacional de televisão na madrugada de 5 de maio de 2011.

Boa noite. Hoje à noite eu posso relatar ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos conduziram uma operação que matou Osama Bin Laden, o líder da *Al Qaeda*, e um terrorista que é responsável pelo assassinato de milhares de homens,

mulheres e crianças inocentes. Foi há quase dez anos que um dia de setembro foi obscurecido pelo pior ataque contra o povo americano em nossa história. As imagens do 11 de Setembro estão gravadas em nossa memória nacional... aviões sequestrados cortando um céu nublado de setembro, as *Torres Gêmeas* desabando; a fumaça negra sobre o Pentágono, os destroços do voo 93 em Shanksville, Pensilvânia, onde as ações de cidadãos heroicos nos salvaram de mais dor e destruição. E, mesmo assim, sabemos que as piores imagens são aquelas que não foram vistas pelo mundo. O lugar vazio na mesa de jantar. Crianças que foram forçadas a crescer sem sua mãe ou seu pai. Pais que nunca mais conheceram o sentimento do abraço de seus filhos. Cerca de três mil cidadãos tirados de nós, deixando um vazio em nossos corações. Em 11 de setembro de 2001, em nosso luto, o povo americano se uniu. Oferecemos aos nossos vizinhos nossas mãos e oferecemos aos feridos o nosso sangue. Reafirmamos nossos laços e nosso amor enquanto comunidade e país. Naquele dia, não importava de onde viemos, para que Deus oremos, ou a que raça e etnia pertencamos, estávamos unidos como uma família americana. Estávamos também unidos em nossa determinação de proteger nossa nação e trazer as pessoas que cometeram esse terrível ataque ante a justiça. Rapidamente ficamos sabendo que os ataques do 11 de setembro foram realizados pela *Al Qaeda*, uma organização chefiada por Osama Bin Laden, em guerra declarada contra os Estados Unidos e que estava comprometida em matar inocentes em nosso país e em todo o globo. E fomos levados a uma guerra contra a *Al Qaeda* para proteger nossos cidadãos, nossos amigos e nossos aliados. Nos últimos dez anos, graças ao trabalho incansável e heroico de nossos militares e profissionais da luta antiterrorismo, conseguimos grandes avanços nesse esforço. Impedimos ataques terroristas e fortalecemos as defesas de nossa nação. No Afeganistão removemos o governo talibã, que deu proteção e apoio a Bin Laden. E por todo o planeta trabalhamos com nossos amigos e aliados para capturar e matar os terroristas da *Al Qaeda*, incluindo vários que fizeram parte do complô que resultou no 11 de setembro. Mesmo assim Osama Bin Laden evitou a captura e escapou pela fronteira do Afeganistão com o Paquistão. Enquanto isso a *Al Qaeda* continuava a operar ao longo

dessa fronteira e, por intermédio de seus associados, através do mundo. Logo depois que assumi o governo determinei a Leon Panetta, diretor da CIA (*Agência Central de Inteligência*, grifo nosso), que a morte ou captura de Bin Laden seria a prioridade na nossa guerra contra a *Al Qaeda*, enquanto prosseguíamos em nossos esforços no exterior para impedir, desmantelar e destruir sua rede. Então, em agosto passado (2010), depois de anos de árduo e minucioso trabalho da nossa comunidade de inteligência, fui informado a respeito de uma possível pista que levava a Bin Laden. Estava longe de ser algo certo e levou muitos meses para acabar com essa ameaça.

Encontrei-me várias vezes com minha equipe de segurança nacional enquanto obtínhamos mais informações sobre a possibilidade de que havíamos localizado o esconderijo de Bin Laden em um complexo situado no interior do Paquistão. E, finalmente, na semana passada, considerei que já dispúnhamos de informações suficientes para agir, bem como autorizei uma operação para capturar Osama Bin Laden elevá-lo ante a justiça. Hoje, sob minha direção, os Estados Unidos lançaram uma operação dirigida contra aquele complexo em Abbottabad, Paquistão. Uma equipe de norte-americanos conduziu a operação com capacidade e coragem extraordinárias. Nenhum americano ficou ferido. Eles tiveram o cuidado de evitar vítimas civis. Após um tiroteio eles mataram Osama Bin Laden e assumiram a custódia do seu corpo. Por quase duas décadas Bin Laden foi o líder e o símbolo da *Al Qaeda*, e continuou a planejar ataques contra nosso país e nossos amigos e aliados. A morte de Bin Laden marcará o êxito mais significativo, até o momento, dos esforços do nosso país para derrotar a *Al Qaeda*. No entanto a sua morte não marca o fim do nosso esforço. Não há dúvidas de que a *Al Qaeda* continuará a tentar novos ataques contra nós. Devemos e iremos permanecer vigilantes em nosso país e no exterior.

Ao fazermos isso reafirmamos que os Estados Unidos não estão e nunca estarão em guerra contra o Islã. Eu deixei claro, assim como o presidente Bush o fez em seguida ao 11 de setembro, que nossa guerra não é contra o Islã. Bin Laden não era um líder muçulmano; ele era um assassino em massa de muçulmanos. De fato, a *Al Qaeda* assassinou milhares de muçulmanos em vários países, incluindo o nosso. Por isso a sua



morte deve ser bem recebida por todos que acreditam na paz e na dignidade humanas. Ao longo dos anos, repetidamente deixei claro que adotaríamos uma ação conjunta no Paquistão se soubéssemos onde Bin Laden estava. Foi isso o que fizemos. Mas é importante notar que a nossa operação de contraterrorismo com o Paquistão nos ajudou a levar até Bin Laden e ao complexo de prédios onde ele se escondia. De fato, Bin Laden também declarou guerra contra o Paquistão e ordenou ataques contra o povo paquistanês. Esta noite liguei para o presidente Zardari e minha equipe também falou com seus colegas paquistaneses. Eles concordaram que esse é um dia heroico para as nossas nações. E agora é essencial que o Paquistão continue unido conosco na luta contra a *Al Qaeda* e seus associados. O povo americano não escolheu essa luta. Ela chegou até nós e começou com o assassinato sem sentido de nossos cidadãos. Depois de quase dez anos de serviço, luta e sacrifício, conhecemos bem os custos da guerra. Esses esforços pesam em mim toda vez que eu, enquanto comandante em chefe, tenho que assinar uma carta para uma família que perdeu um ente querido, ou olhar nos olhos de um militar que ficou gravemente ferido.

Os americanos compreendem os custos da guerra. Mas, como país, jamais toleraremos que a nossa segurança seja ameaçada, nem ficaremos impassíveis quando nosso povo é assassinado. Seremos incansáveis na defesa de nossos cidadãos e nossos amigos e aliados. Seremos fiéis aos valores que fizerem de nós o que somos. E, em noites como esta, podemos dizer às famílias que perderam seus entes queridos para o terror da *Al Qaeda*: a justiça foi feita. Esta noite agradecemos aos incontáveis profissionais da inteligência e de contraterrorismo que trabalharam incansavelmente para alcançar essa vitória. O povo americano não pode ver o seu trabalho, nem conhece os seus nomes. Mas esta noite eles sentem a satisfação com esse trabalho e com o resultado de sua busca por justiça. Agradecemos aos homens que se encarregaram dessa operação, pelo exemplo de profissionalismo, patriotismo e coragem sem paralelo dessas pessoas que servem ao nosso país. E elas são parte de uma geração que suportou o maior peso disso, desde aquele dia de setembro. Finalmente, deixem-me dizer às famílias que perderam entes queridos em 11 de setembro, de que nunca

esqueceremos essas perdas, nem fraquejaremos em nosso compromisso de fazer tudo que pudermos para prevenir outro ataque em nosso solo. E, esta noite, vamos nos lembrar da sensação de unidade que predominou em 11 de setembro. Eu sei que isso às vezes desgasta. Mas o êxito de hoje é um testemunho da grandeza de nosso país e da determinação do povo americano. A causa da segurança de nosso país não está completa. Mas, esta noite, mais uma vez, podem fazer tudo a que se determinarem fazer. Essa é a história da nossa história, seja a busca pela prosperidade para o nosso povo, ou a luta pela igualdade de todos os nossos cidadãos; nosso compromisso é lutar por nossos valores no exterior, e nossos sacrifícios visam fazer do mundo um lugar mais seguro. Deixem-nos lembrar de que podemos fazer essas coisas não apenas por riqueza e poder, mas por causa do que somos: uma nação, sob um Deus, com liberdade e justiça para todos. Obrigado. Que Deus os abençoe. E que Deus abençoe os Estados Unidos da América.

3. Coluna *Reflexiones del Compañero Fidel*, publicada na edição digital do *Granma International*, sob o título: *As mentiras e as incógnitas na morte de Bin Laden*. (Uma única observação: Fidel Castro preferiu utilizar a palavra muçulmano em vez de islâmico, acatada nesta tradução integral de nossa lavra). Os homens que executaram Bin Laden não atuaram por sua conta: cumpriam ordens do governo dos Estados Unidos. Haviam sido rigorosamente selecionados e treinados para missões especiais. Sabe-se que o presidente dos Estados Unidos pode, inclusive, conversar com um soldado em combate. Horas depois de realizar a ação na cidade paquistanesa de Abbottabad, sede da mais prestigiosa academia militar daquele país e de importantes unidades de combate, a Casa Branca ofereceu à Opinião (Pública) mundial uma versão cuidadosamente elaborada sobre a morte do chefe da *Al Qaeda*, Osama Bin Laden. Como é lógico, a atenção do mundo e da imprensa internacional ficaram centradas no tema, desprezando as demais notícias da esfera pública. As redes de televisão norte-americanas divulgaram o discurso esmeradamente elaborado pelo presidente e mostraram imagens da reação pública. Era óbvio que o mundo se precava tendo em

vista a delicadeza do assunto, já que o Paquistão é um país de 171 milhões e 841 mil habitantes ([numa região] onde os Estados Unidos e a OTAN levam a cabo uma devastadora guerra que já dura dez anos), possuidor de armamento nuclear e tradicional aliado dos Estados Unidos. Sem dúvida que o país muçulmano não pode estar de acordo com a sangrenta guerra que os Estados Unidos e seus aliados levam a cabo contra o Afeganistão, outro país muçulmano que compartilha com ele a complicada e montanhosa fronteira traçada pelo império colonial inglês, onde tribos comuns vivem nos dois lados da linha divisória. A própria imprensa dos Estados Unidos compreendeu que o presidente ocultava quase tudo. As agências de notícias ocidentais: ANSA (*Agenzia Nazionale Stampa Associata*, Itália), *Agence France Presse* (França), *Reuters* (Reino Unido) e EFE (Espanha), a imprensa escrita e importantes sítios na WEB expressam informações interessantes sobre o fato. O *New York Times* assegura que os fatos diferem significativamente da versão oficial apresentada na segunda-feira pela Casa Branca e altos funcionários da Inteligência, segundo os quais a morte de Bin Laden – que finalmente reconheceram não estava armado, ainda que confirmem que resistiu – foi produzida no meio de intenso tiroteio. Mas segundo o diário nova-iorquino, a operação, ainda que caótica e sangrenta, foi extremamente unilateral com uma força de mais de vinte membros dos *Seals*, rapidamente “despachando” (isto é, liquidando) o punhado de homens que protegia Bin Laden”.

O *NY Times* assegura, agora, que “os únicos disparos efetuados pelos que se encontravam no complexo residencial foram produzidos no início da operação.

Exatamente, tiveram lugar quando o mensageiro de confiança de Bin Laden, Abu Ahmed al Kuwaiti, abriu fogo desde atrás da porta da casa de hóspedes adjacente à casa onde Bin Laden se escondia”. “Depois que os (*Navy*) *Seals* mataram (Abu Ahmed al) Kuwaiti e a uma mulher na casa de hóspedes, os estadunidenses não foram atacados com disparos nenhuma única vez”, sustenta o diário com base nas referidas fontes cuja identidade não revela. Na quarta-feira o porta-voz da Casa Branca, Jay Carney, havia assegurado em uma narrativa sobre os acontecimentos da madrugada de domingo para segunda, que o comando estadunidense recebeu tiros “ao largo da

operação”. Também o diretor da CIA, Leon Panetta, havia falado sobre alguns tiroteios enquanto os militares de elite estadunidenses iam entrando nos pavimentos da residência onde se escondia Bin Laden. De outro lado, sem embargo, o diário assegura ainda que Bin Laden não havia sacado de uma arma no momento em que foi abatido. Os comandos que o localizaram em uma das residências observaram que o líder da *Al Qaeda* tinha um (fuzil de assalto) AK-47 e uma pistola *Makarov* ao alcance das mãos. Hoje, 6 de maio, continuam as notícias. De Washington, uma das agências informa que somente um homem disparou contra as forças estadunidenses. A continuação narra que em plena noite de domingo, vários helicópteros com 79 integrantes de um comando estadunidense se aproximaram da residência de Osama Bin Laden, em Abbottabad, ao norte de Islamabad. Eles haviam partido de um lugar não especificado e voavam baixo para evitar serem detectados por radar, já que o Paquistão não havia sido informado sobre a operação. “Dois helicópteros liberaram mais de 20 dos *Seals* da Marinha no pátio interno da residência que tem muros de quatro a seis metros de altura recobertos com arames farpados. Um desses helicópteros, um MH-60 *Blackhawk*, aparentemente modificado para evitar radares, aterrissou bruscamente devido a uma falha mecânica e ficou fora de uso, segundo um primeiro informe de funcionários estadunidenses. “Um grupo dos efetivos se dirige a um edifício anexo à residência principal. O mensageiro de Bin Laden o vê. Abre fogo contra os integrantes do comando e é abatido junto a sua mulher. Este homem é o único ocupante da residência que dispara contra os estadunidenses.

Esta afirmação contrasta com um primeiro informe de Washington, no qual se descrevia uma troca de tiros nos quarenta minutos em que durou a operação.

“Outra equipe entra na casa principal de três pavimentos. “Se deparam com o irmão do mensageiro, que também é abatido, segundo um funcionário norte-americano que não soube precisar com maiores detalhes. Segundo a rede de televisão NBC, o homem teria uma das mãos na espalda (quadril) quando o comando entrou na residência onde se encontrava. Por isso os efetivos acreditaram que tivesse uma arma, mas não era o caso. “As forças estadunidenses sobem as escadas e, em uma das residências,

encontram um filho adulto de Osama Bin Laden, Khalid, que também é abatido. “No último pavimento, os efetivos encontram Osama Bin Laden e sua esposa no dormitório. Sua esposa tenta interpor-se e é ferida numa perna. Bin Laden não dá sinais de rendição e recebe um disparo na cabeça e, segundo alguns órgãos noticiosos estadunidenses, também no peito. As primeiras versões difundidas indicaram que Bin Laden resistiu e que havia usado sua mulher como escudo humano, mas esta informação foi desmentida pela Casa Branca. “O presidente Barack Obama, que segue os acontecimentos desde a Casa Branca, é informado que o comando identificou Bin Laden. Um registro publicado na revista *Time*, fundamentado em entrevista com o diretor da CIA, Leon Panetta, sugere que Bin Laden foi assassinado menos de 25 minutos depois de iniciada a operação. “No quarto de Bin Laden, os *Navy Seals* encontram um fuzil de assalto russo AK-47 e uma pistola calibre 9 milímetros (também russa). Também havia outras armas na residência, mas não foram transmitidos detalhes. “As forças especiais também encontraram dinheiro e números de telefones costurados na roupa do chefe da Al Qaeda. “O comando recolhe tudo o que pode servir como fonte de informação: bloco de notas, cinco fichários, dez *Hard Drives* e uma centena de dispositivos de armazenamento (CDs, DVDs, USB). “Trasladam para local seguro vinte mulheres e crianças que estavam na residência e destroem o helicóptero acidentado. “Trinta e oito minutos após o início da operação os helicópteros partem levando o cadáver de Bin Laden. “A (agência norte-americana) *Associated Press* publica dados de interesse político e também humanos: “Uma das três esposas de Bin Laden, Amal Ahmed Abdulfattah, nascida no Yemen, disse que nunca deixou os andares mais elevados da casa nos últimos cinco anos em que ali residiu. “Ela e as outras esposas de Bin Laden estão sendo interrogadas no Paquistão depois de terem sido detidas durante o assalto da madrugada perpetrado pelos comandos navais estadunidenses contra a residência de Bin Laden na aldeia de Abbottabad. As autoridades paquistanesas detiveram também oito ou nove crianças encontradas na residência quando os comandos se retiraram. “Devido aos relatos variáveis e incompletos dos funcionários estadunidenses sobre o que aconteceu

durante o assalto, as declarações das esposas de Bin Laden talvez possam acrescentar detalhes sobre a operação. “Além do mais, seus relatos poderiam ajudar a mostrar como Bin Laden passava o tempo e lograva permanecer oculto numa casa grande próxima a uma academia militar numa cidade fortemente protegida e a duas horas e meia de distância de carro da capital, Islamabad. “O funcionário paquistanês disse que agentes da CIA não tiveram acesso às mulheres detidas. “A proximidade do esconderijo de Bin Laden com a guarnição militar e a capital paquistanesa levantou suspeita em Washington no sentido de que o fugitivo fora protegido por forças de segurança do Paquistão. “A agência EFE (espanhola) indaga sobre o que pensam os habitantes do Paquistão. “Sessenta e seis por cento dos paquistaneses não acreditam que as forças especiais dos Estados Unidos mataram o líder da *Al Qaeda*, Osama Bin Laden, senão a outra pessoa, segundo sondagem conjunta elaborada pelo Instituto *YouGov* de Cidades, da Universidade de Cambridge. “A sondagem foi realizada entre usuários da *internet* que apresentam maior cultura, de três grandes cidades: Karachi, Islamabad e Lahore, com exclusão dos grupos demográficos rurais, o que faz com que os resultados sejam ainda mais surpreendentes, segundo os pesquisadores. “Setenta por cento desaprovam, além disso, a violação da soberania paquistanesa pelos Estados Unidos, na operação para capturar e matar Bin Laden. “Menos de três quartas partes dos entrevistados não acreditam que Bin Laden tivesse autorizado os ataques de 11 de setembro contra os Estados Unidos, que justificaram a invasão norte-americana do Afeganistão e a luta contra o terrorismo islâmico. “Setenta e quatro por cento opinam que o governo de Washington não respeita o Islã e se considera em guerra com o mundo islâmico; e mais: uns 70 por cento desaprovam a política paquistanesa de aceitar ajuda econômica dos Estados Unidos. “Oitenta e seis por cento se opõem, também, a que o governo paquistanês permita no futuro ou critique que havia autorizado, antes, ataques com aviões não pilotados contra grupos militantes. “Sessenta e um por cento dos paquistaneses consultados simpatizam com os talibãs ou creem que eles representam pontos de vista respeitáveis contra vinte e um por cento que se mostram radicalmente contra. “A agência (britânica) *Reuters* aporta outros

dados interessantes: “Uma das esposas de Osama Bin Laden disse aos seus interrogadores paquistaneses que o líder da *Al Qaeda* e sua família viveram durante cinco anos na *Villa* (conjunto de casas) onde foi morto pelos comandos estadunidenses esta semana, disse um dos funcionários dos serviços de segurança. “A fonte, que identificou a mulher como Amal Ahmed Abdulfattah, disse à *Reuters* que a mais jovem das três esposas de Bin Laden ficou ferida na operação. “Segundo o mesmo funcionário, Abdulfattah disse aos investigadores paquistaneses que ali viviam há cinco anos. “As forças de segurança paquistanesas detiveram entre 15 e 16 pessoas que viviam no complexo de casas, depois que os comandos estadunidenses levaram o corpo de Bin Laden, informou o funcionário.

Entre os detidos estão as três esposas de Bin Laden e várias crianças. “Um avião dos EUA sem piloto matou hoje ao menos 15 pessoas no Waziristão, ao norte do Paquistão, segundo a agência (italiana) ANSA. Outras sofreram feridas graves. Mas, quem se ocupará com esses assassinatos diários naquele país? Faço, sem embargo, uma pergunta: por que tanta coincidência entre o assassinato realizado em Abbottabad e o intuito de assassinar simultaneamente a (Muhammar al) Kadhaffi?

Um dos seus filhos mais jovens, que não se envolvia em assuntos políticos, Saif Al Arab, estava reunido na casa onde morava com um filho pequeno e dois primos menores; Kadhaffi e sua esposa o visitaram pouco antes do ataque dos bombardeios da OTAN. A casa foi destruída; morreram Saif Al Arab e os três meninos; Kadhaffi e a esposa se retiraram pouco antes. Era um fato sem precedentes. Todavia o mundo apenas foi informado. Foi uma simples casualidade a coincidência desse fato e o ataque contra o refúgio de Osama Bin Laden, que o governo dos Estados Unidos conhecia perfeitamente e o vigiava com todos os detalhes? Um despacho de hoje, procedente da Cidade do Vaticano, informava: “6 de Maio (ANSA) – Giovanni Innocenzo Martinelli, o vigário apostólico de Trípoli, disse hoje a agência do Vaticano *Fides* que não tem intenção de interferir com a atividade política de ninguém, mas ‘tem o dever de informar que os bombardeios à Líbia são imorais’. “Surpreende-me que tenham sido feitas declarações sobre o fato de que eu deveria me ocupar de

questões espirituais, e que os bombardeios foram autorizados pela ONU. Mas isto não significa que a ONU, que a OTAN ou a União Europeia tenham a autoridade moral para decidir bombardeios”, acrescentou. “Gostaria de ressaltar que bombardear não é um ato ditado pela consciência civil e moral do Ocidente, ou em geral da humanidade. Bombardear é sempre um ato imoral”. Outro telegrama, difundido pela agência ANSA, informa sobre a posição da China e da Rússia. “Moscou, 6 de maio – Os governos da China e da Rússia mostraram-se hoje extremamente preocupados com a guerra na Líbia e disseram que atuarão em conjunto para solicitar um cessar fogo”. “Nossa convicção é a de que o objetivo mais importante a conquistar é o cessar fogo imediato, declarou o chanceler chinês Yang Jeichi” Estão ocorrendo fatos verdadeiramente preocupantes.

## Notas

[1]. Nascido em Tikrit, atualmente localizada no Iraque (1138) e sepultado na *Mesquita de Umayac*, Saladino foi um dos mais famosos guerreiros e estadistas do seu tempo. Além da retomada de Jerusalém (1187), mandou construir a *Mesquita de Al Aksa*, naquela mesma cidade. Tornou-se igualmente famoso por sua urbanidade ainda que, em seguida à esmagadora vitória sobre os exércitos do rei Guido de Lusignan, em Hattin, tenha autorizado a degola de 230 cavaleiros templários e hospitalários capturados durante a batalha, após se recusarem a aceitar como única e verdadeira a fé muçulmana.

[2]. Godofredo de Bouillon nasceu em 1060, na cidade de Boulogne, na época pertencente ao Sacro Império Romano Germânico. Conseguiu conquistar Jerusalém em junho de 1099 e foi denominado *Protetor do Santo Sepulcro*. Morreu um ano depois (1100).

[3]. Ricardo Plantagenet nasceu em Oxford, 1157, e morreu em Chalus, a 6 de abril de 1199.

[4]. O próprio Osama Bin Laden confirmou em uma fita de vídeo encontrada em novembro de 2001 no interior de uma casa semidestruída em Jalalabad, Paquistão, as suas expectativas em relação ao atentado. Esse material foi encaminhado à rede norte-americana CNN, que difundiu alguns trechos. Disse ele: Nós calculamos por adiantado a quantidade de baixas do inimigo, que morreriam devido a ficarem presos na torre. Nós calculamos que os andares que deveriam ser destruídos eram três ou quatro. Eu era o mais otimista de todos... devido a minha experiência neste campo. Eu pensava que o fogo da gasolina do avião derreteria a estrutura de ferro do edifício e somente faria colapsar a área onde o avião se chocara e os andares acima. Isso era tudo o que esperávamos.

[5]. Os dados acima são os mencionados no relatório final da *9/11 Comission Report: National Comission on Terrorist Attacks Upon the United States*, datado de 2004. Houve um primeiro ataque ao *World Trade Center*, perpetrado no dia 26 de fevereiro de 1993, do qual resultaram seis mortos e aproximadamente 1 mil feridos.

[6]. As plataformas de mísseis *Chaparral* foram desenvolvidas a partir do final dos anos sessenta e, desde então, continuam sendo utilizadas pelos exércitos de vários países, entre os quais Portugal. Quando do múltiplo atentado de 11 de setembro, segundo fonte altamente confiável, residindo, na



ocasião, na Capital dos Estados Unidos, aproximadamente cinquenta veículos puxando reboques armados (com esse tipo de míssil superfície-ar) pré-posicionados no Fort Mac-Nair, apoiados por viaturas blindadas e igualmente equipadas formaram um escudo de proteção. Barreiras anticarro foram montadas em todo o perímetro de Washington.

[7]. Breve histórico sobre os fatos: Na manhã de 16 de outubro de 1962, precisamente às 8h45m (horário de Washington), McGeorge Bundy, assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América entregou ao presidente John Fitzgerald Kennedy os resultados de uma missão de reconhecimento aéreo na região de San Cristóbal, província de Pinar del Rio no oeste de Cuba realizada dois dias antes, também na parte da manhã, por intermédio de um avião tipo U-2. O documento examinado pelos analistas de Inteligência assinalava a existência na ilha de mísseis de médio alcance capazes de transportar ogivas nucleares. Quinze minutos depois o presidente acionava o *Comité Executivo* do Conselho de Segurança Nacional, integrado por 14 pessoas sob a coordenação do irmão mais novo do chefe de Estado e secretário de Justiça, Robert Kennedy. Enquanto isso, três linhas de ação eram examinadas; quais sejam: bloqueio naval de Cuba, ataques aéreos às bases de mísseis e, finalmente, invasão em larga escala de Cuba por tropas de fuzileiros apoiadas por lanchas blindadas e navios de desembarque anfíbios e protegidas por porta-aviões, *destroyers* e submarinos. No dia seguinte (17) o secretário de Defesa, Robert McNamara, reiterou a hipótese de bloqueio naval enquanto, na noite anterior, mais um sobrevoo e a confirmação de que novos mísseis, desta vez os poderosos SS-5 com capacidade para atingir alvos a 2 mil km tinham sido detectados. No domingo (21), após receber a informação segundo a qual um ataque por terra poderia custar de dez mil a vinte mil baixas entre os norte-americanos, o subsecretário de Estado George Ball conseguiu convencer o presidente de que a melhor solução era mesmo o bloqueio naval (Kennedy passou a adotar a expressão *quarentena*, que lhe soava melhor e evitaria, segundo ele próprio, críticas exacerbadas por parte da comunidade internacional). Na segunda-feira (22) John Kennedy, em rede nacional de rádio e televisão, revelou à Opinião Pública o que se passava, enquanto aproximadamente 300 embarcações de todos os tipos da marinha e vinte aeronaves carregadas com armas nucleares eram acionados para implementar o bloqueio naval. Os comandantes dos navios da União Soviética que seguiam adiante e ameaçavam furar a *linha de quarentena* deram meia volta. Nos EUA, sem o conhecimento do presidente Kennedy, os militares expandiram o alerta para *Defcom 2*, o mais alto grau de alerta registrado naquele país até o múltiplo atentado de 11 de setembro de 2001. Tal medida, porém, não interrompeu a construção das bases de mísseis. Adlai Stevenson, embaixador norte-americano na Organização das Nações Unidas, apresentou no dia 25, em sessão plenária, as provas da existência dos mísseis. Em Cuba, o primeiro-ministro Fidel Castro autorizou que as suas unidades de defesa antiaérea abrissem fogo contra toda e qualquer aeronave norte-americana em voo sobre a ilha. No dia 27, um sábado, o primeiro-ministro soviético Nikita Khrushchev exigiu a retirada dos mísseis norte-americanos preposicionados na Turquia em contrapartida à remoção das armas nucleares em solo cubano. Uma aeronave espiã dos EUA foi abatida sobre o solo cubano e morreu o piloto: major Rudolph Anderson. A situação chegara a um limite: o Pentágono havia definido até mesmo a sequência dos alvos que deveriam ser eliminados, enquanto a Agência Central de Inteligência informava que dois dos mísseis instalados pelos soviéticos estavam prontos para o disparo. A 28, por fim, Khrushchev anunciou na Rádio Moscou a retirada dos mísseis. Ao analisar aquele momento dramático, Robert Kennedy explicou à Reportagem da revista *Veja* qual foi o momento mais crítico durante toda a crise: Robert Kennedy: Foi quando duas embarcações russas, o *Gagárin* e o *Komiles*, ficaram a poucos quilômetros da linha do bloqueio. Aí chegou a notícia de que um submarino vinha com eles. Mandamos um porta-aviões. Se o submarino russo não subisse à superfície usaríamos cargas explosivas. Esses poucos minutos de espera foram o momento de maior preocupação para o presidente. O mundo estava perto de um holocausto nuclear? Era nossa culpa? Cometemos algum erro? Ele cobriu o rosto com as mãos. Seus olhos estavam turvos. Por algum motivo lembrei-me de quando ele estava doente e quase morreu (depois de combater na Segunda Guerra); de quando ele perdeu seu filho; de quando ouvimos que nosso irmão mais velho havia morrido. Os minutos demoravam a passar. Não podíamos fazer mais nada. Parecia que estávamos perto de um precipício e não havia para onde escapar. Foi quando um mensageiro trouxe um recado: os navios haviam parado. Todos na sala pareciam pessoas diferentes. Por um

momento, o mundo havia parado, e agora ele continuava a rodar. *Veja: Como estava o clima no momento em que a proposta de Khrushchev finalmente chegou?* A pressão era enorme. O presidente Kennedy já encomendava os preparativos para montar um governo civil em Cuba depois da invasão e ocupação do país. O secretário McNamara informava que os militares previam baixas numerosas em caso de invasão. O presidente disse: “devemos saber que esses mísseis serão apontados contra nós se decidirmos invadir. E devemos aceitar a possibilidade de que esses mísseis serão disparados quando as hostilidades começarem”. À noite a mensagem chegou. Muito se falou sobre essa carta. Disseram até que Khrushchev estava tão instável e emotivo que a mensagem era incoerente. Não havia dúvida de que a carta fora escrita por ele pessoalmente. Era muito longa e emocionada, mas não era incoerente. E a emoção era motivada pela morte, destruição e anarquia que a guerra nuclear traria a seu povo e a toda a humanidade. Isso, dizia ele várias vezes, tinha que ser evitado. Fiquei um pouco mais otimista. Quando me despedi do presidente naquela noite, ele também parecia ter esperança no sucesso.

[8]. Incluídos os passageiros e tripulantes da aeronave, morreram 184 pessoas e outras 106 ficaram feridas.

[9]. No dia 12 de outubro de 2002 uma embarcação de fibra de vidro com dois tripulantes a bordo e carregadas com explosivos se chocou contra o contratorpedeiro norte – americano *USS Cole*, que estava sendo abastecido de combustível no porto de Aden, no Iêmen. Dezesete militares norte-americanos morreram, ao menos 40 ficaram seriamente feridos e a explosão abriu um rombo no casco do navio. Esse atentado, reivindicado pelo líder da rede *Al Qaeda*, Osama Bin Laden, foi planejado por Abdel Rahim Al Nachiri, atualmente preso nos Estados Unidos, e Khamal Mohammed AL Bedui. Nachiri (localizado e preso em 2002 nos Emirados Árabes Unidos) também aparece como suspeito dos atentados perpetrados contra as embaixadas dos Estados Unidos no Quênia e na Tanzânia, em agosto de 1998, que resultaram em 224 mortos.

[10]. No dia 11 de março de 2004, entre as 7h36min e 7h40min, dez explosões em quatro trens urbanos da rede que serve à capital espanhola mataram 191 pessoas e provocaram ferimentos em 1858 passageiros. Peritos do Corpo Nacional de Polícia conseguiram, ainda, detonar outros dois artefatos que não explodiram, bem como desativar um terceiro. As autoridades espanholas, num primeiro momento, creditaram o múltiplo atentado ao ETA, mas, poucas semanas depois, as forças de segurança localizaram uma célula terrorista composta por simpatizantes da *Al Qaeda* na Rua Martín Gaité número 40 primeiro andar, no bairro de Leganés e, durante a operação os extremistas se suicidaram explodindo diversas cargas de dinamite marca Goma 2 ECO. Oito deles morreram bem como o subinspetor do *Grupo Especial de Operações* do Corpo Nacional de Polícia, Francisco Javier Torronteras.

[11]. A sete de julho de 2005, com início às 8h50min e a intervalos de cinquenta segundos, três bombas – cada uma pesando aproximadamente 4,5 kg – explo1. Osama Bin Laden: Quem Venceu? Quem Matou? Quem Morreu? 251 diram em vagões do metrô de Londres. Outro artefato foi detonado às 9h47min em um ônibus de dois andares quando trafegava pela Praça Tavistock. Cinquenta e seis pessoas morreram (entre as quais os quatro suspeitos de terrorismo), e outras 700 ficaram feridas. Foram os primeiros atentados suicidas registrados na Europa ocidental com a vitimização de civis inocentes. Nesta primeira série de atentados morreram os quatro terroristas: Jamal Lindsay (jamaicano), Hasib Hussein, Mohammed Sadique Khan e Shehzad Tawneer (todos descendentes de paquistaneses). Uma hora depois do ataque foi divulgado um comunicado revelando que a operação fora planejada e executada pelo chamado *Grupo de Organização Secreta da Al Qaeda da Organização Jihad na Europa*. Eis a íntegra do documento conforme publicado na imprensa europeia (tradução do espanhol de nossa lavra). “Em nome de Deus, o Misericordioso, o Compassivo, que a paz esteja com Ele, alegre e lutador intrépido, o Profeta Muhammad, que a paz de Deus esteja com ele. Mundo islâmico e mundo árabe: regozijai-vos, pois chegou a hora de desencadear a vingança contra o governo dos *cruzados* sionistas britânicos em represália às matanças que comete no Iraque e no Afeganistão. Os heroicos *mujahedin* levaram a cabo um ataque bendito em Londres. A Grã-Bretanha arde de medo, terror e pânico de norte a sul, de leste a oeste. Temos avisado de forma reiterada ao governo e ao povo britânicos. Temos

cumprido com nossa promessa e realizado nosso bendito ataque militar na Grã-Bretanha, após grandes esforços efetuados pelos nossos *mujahedin* em um largo período de tempo para assegurar seu êxito. Seguimos advertindo aos governos da Dinamarca, Itália, a todos os governos *cruzados* que serão castigados da mesma forma se não retirarem suas tropas do Iraque e Afeganistão. Quem avisa não é traidor. *Allah* disse: Tu que és crente: se queres ajudar (à causa de *Allah*). Ele te ajudará e guiará teus passos”. Neste episódio, se ainda existisse alguma dúvida no quesito autoria, esta foi dissipada por intermédio de uma fita gravada por um dos extremistas: Mohammed Sadique Khan. O material editado incluía imagens do segundo em importância na *Al Qaeda*, o cirurgião egípcio Ayman Al Zawahiri. O teor do vídeo-testamento, conforme encaminhado às autoridades britânicas: Eu e milhares como eu estamos abandonando tudo em que acreditamos. Nosso impulso e motivação não provêm das comodidades tangíveis que esse mundo tem a oferecer. Nossa religião é o Islã, obediência ao único Deus verdadeiro, *Allah*, e seguir seus passos até o final da mensagem do Profeta. Vossos governos eleitos democraticamente perpetuam de forma contínua atrocidades contra a minha gente em todo o mundo. E vosso apoio a eles os faz diretamente responsáveis, assim como eu sou responsável direto no que tange a proteger e vingar aos meus irmãos e irmãs muçulmanos. Ainda que não nos sintamos seguros, sereis nossos objetivos, e até que não pareis os atentados, gaseamento, encarceramento e torturas à minha gente não abandonaremos esta luta. Estamos em uma guerra e eu sou um soldado. Agora vocês também provarão a realidade desta situação. Duas semanas depois, no dia 21, quatro bombas, três delas no metrô e a última, também num ônibus, foram acionadas mas não explodiram, somente as espoletas. Os quatro terroristas foram presos.

[12]. Leon Panetta foi recentemente alçado ao *status* de Secretário de Defesa dos Estados Unidos. Para ocupar o seu posto foi designado o general David Petraeus, ex-comandante das tropas de combate inicialmente no Iraque e, em seguida, no Afeganistão.

[13]. A *Desinformatsya* é uma palavra russa que exprime todo um conjunto de ações no campo psicossocial, destinadas a oferecer à Opinião Pública aquilo que circunstancialmente interessa ao Estado. O autor dessas linhas vem trabalhando com essa temática e, após a publicação deste livro, prepara-se para concluir os ajustes de um volume sobre as estratégias da desinformação aplicadas no campo do noticiário, principalmente nos eixos político, econômico e policial.

### Referências Adicionais

FBIS Report. **Compilation of Usama Bin Ladin Statements 1994-2004**. USA. January 2004, 277 p.

**9/11 Comission Report**: National Comission on Terrorist Attacks Upon the Un United States.

**\*José Amaral Argolo** é advogado, jornalista e professor-associado do Quadro Permanente da Escola de Comunicação da UFRJ.